

### 3

## O Positivismo de Auguste Comte

Auguste Comte (...) é antes de mais nada o sociólogo da unidade humana e social, da unidade da história humana. Leva sua concepção da unidade até o ponto em que a dificuldade é inversa: tem dificuldade em encontrar e fundamentar a diversidade. Como só há um tipo de sociedade absolutamente válido, toda a humanidade deverá, segundo sua filosofia, chegar a esse tipo de sociedade (Aron, 2002, p. 83).

Comte não merece o adjetivo “positivista” da forma como é usado por nossos epistemólogos tupiniquins. Afinal, o positivismo, gostemos dele ou não, é um projeto filosófico, ao passo que o antipositivismo genérico é apenas o tédio emocional de não se querer conhecer o adversário contra o qual se forma (mal) a própria identidade (Oliva, 1992, p. 218).

### 3.1

#### Auguste Comte: vida e obra

É muito difícil avaliar até que ponto a biografia de uma pessoa pode influir em sua obra. De qualquer forma, por oportunos, serão apresentados de forma sintetizada os principais fatos da vida de Auguste Comte, assim como o contexto em que suas obras foram escritas. O intuito é compreender melhor o seu pensamento, tentando inicialmente situá-lo no ambiente em que viveu e discutir as posições por ele assumidas na época.

Isidore-Auguste Marie François-Xavier Comte, conhecido como Auguste Comte, nasceu em Montpellier, cidade ao sul da França, em 19 de janeiro de 1798, e faleceu em Paris, em 5 de setembro de 1857. Pertencia a uma família monarquista e muito católica. Era o primogênito de Luís Comte, tesoureiro na Recebedoria Geral do Departamento do Herault, e de Rosália Boyer, cuja família produziu vários médicos (Lonchamp, 1959, p. 9).

De seus próprios escritos, pode-se inferir que o fato mais importante de sua infância foi o ingresso, como interno, no Liceu de Montpellier, em 1806, aos nove anos de idade, lá permanecendo até os quinze anos. Esse período o marcou profundamente, pois “a privação de afeto se fez sentir agudamente, deixando seqüelas que se prolongaram por toda a vida. A afetividade, não podendo ser empregada no seio da família, desviou-se para os estudos” (Coelho, 2005, p. 105).

Em 1814, aos 16 anos, entrou na *Escola Politécnica*, fundada em Paris, em 1794, pela Convenção Nacional, instituída pela Revolução Francesa, onde se ensinava o pensamento mais avançado da época, principalmente em Ciências Naturais e Matemática, tendo em vista o desenvolvimento dessas ciências e suas implicações no aperfeiçoamento das técnicas. Entretanto, permaneceu apenas dois anos nessa instituição. Com a onda retrógrada que se espalhou pela Europa, a partir de 1816, a Escola Politécnica foi temporariamente fechada, por ter apoiado o retorno de Napoleão, acusada de jacobinismo e bonapartismo, e seus alunos foram licenciados. Porém, Comte foi excluído da referida instituição, por ter participado, como líder, de um incidente entre alunos e um inspetor.

Foi com pesar que a família viu a interrupção da carreira de Auguste Comte, que ficou em Montpellier apenas alguns meses, mais precisamente quatro (de abril a setembro de 1816), quando frequentou a Faculdade de Medicina e escreveu o seu primeiro texto de que se tem conhecimento: *As Minhas Reflexões. Humanidade, verdade, justiça, liberdade, pátria. Comparações entre o regime de 1793 e o de 1816, dirigidas ao povo francês por Comte, ex-aluno da Escola Politécnica* (Arbousse-Bastide, 1984, p. 10). Esse seu primeiro ensaio foi influenciado pela ideologia democrática-burguesa da revolução de 1789, pois, na época em que esteve na Politécnica, leu e apreciou a obra *Do Contrato Social*, de Rousseau (Benoit, 2002, p.16).

De volta a Paris, sem emprego, mantinha-se por meio de aulas particulares de Matemática, o que lhe rendia bem pouco. Ao procurar um conterrâneo, o general Campredon, trava, por meio deste, contato com o general Bernard, chefe dos engenheiros militares americanos, que estava então na França para contratar professores para uma escola politécnica que se pretendia criar em Washington.

O general Bernard convida Comte, então, para ministrar a cadeira de Geometria Descritiva. Entusiasmado com a proposta, preparou-se com afinco, empenhando-se em aprender inglês, além de aprofundar-se nos conhecimentos da disciplina pela qual seria responsável. Porém, por motivos políticos, o Congresso dos Estados Unidos da América adiou indefinidamente a criação da escola, frustrando, assim, as perspectivas do jovem Auguste.

Entretanto, ele não se deixa abater e retorna à vida reclusa, retomando a leitura dos chamados ideólogos: Destutt de Tracy, Cabanes, Volney, Fontenelle; dos economistas políticos: Adam Smith e Jean-Baptiste Say; e dos filósofos e

historiadores: Montesquieu, Diderot, Hume, Joseph de Maistre, Bonald, Robertsons, Condorcet, Turgot (Ribeiro Júnior, 2003, pp. 3-4).

Comte foi muito influenciado por Condorcet, principalmente por sua obra *Esboço de um Quadro Histórico e dos Progressos do Espírito Humano*, escrita em 1794. Nela, via a demonstração de que era possível o aperfeiçoamento constante do ser humano.

Outro autor de grande importância na sua formação foi Turgot, considerando que um dos pontos fundamentais da obra de Comte partiu de *Dois Discursos sobre a História Universal*, de 1751, que “entrevira a lei dos três estados na definição da História Universal como ‘o estudo dos progressos sucessivos do gênero humano e o exame particular das causas que contribuíram para eles’” (Ribeiro Júnior, 2003, p. 4).

Malgrado ser influenciado por autores que advogavam a doutrina liberal, como já dito sobre seu primeiro ensaio,

Comte começou a se interessar pela chamada “escola teocrática”, particularmente pela obra *O papa*, de autoria de Joseph de Maistre (1753-1821). Contra a doutrina liberal, De Maistre sustentava que era necessário reorganizar a sociedade moderna, a forma de realizar esta tarefa política seria o retorno ao passado, à monarquia e à influência católica, centrada na figura do papa.

Os escritos do jovem Comte, de 1816 a 1819, incorporam tanto as premissas do liberalismo econômico como as do conservadorismo político, procurando realizar a sua síntese (Benoit, 2002, pp. 14-15).

Um fato de grande importância que marcou sua vida foi o encontro, em 1817, com Henri de Saint-Simon. Esse contato, segundo Lonchamp (1959, p. 25), foi patrocinado por um de seus camaradas que, admirado com as semelhanças de opinião entre ambos, o levou até a casa do já célebre Saint-Simon, então com cinquenta e cinco anos de idade. Este possuía uma considerável capacidade de influenciar, por meio de sua personalidade magnética, um grande número de jovens idealistas, mas que, ao chegarem à idade madura, pouco seguiam a sua filosofia, distinguindo-se por suas próprias idéias. Entre esses, o mais jovem foi Auguste Comte, em quem depositou uma grande confiança e que passou a ser o seu secretário particular. Nessa época, Comte colocou Saint-Simon, ao lado de Condorcet, entre os pensadores que mais o inspiravam em suas meditações.

Esse período de Comte e Saint-Simon foi marcado por grandes transformações tanto científicas quanto técnicas, que levaram à primeira Revolução Industrial, caracterizada, principalmente, pelo avanço da mecanização,

embora a divisão de trabalho também tenha tido um papel de grande relevo. Isso importa dizer que não se tratava de dividir o trabalho até a mecanização, mas sim, de substituir métodos artesanais por mecanizados, concomitantemente ao desenvolvimento desses métodos: a divisão do trabalho passa a ser determinada pela própria mecanização. Com a mecanização a vapor, os empresários intensificavam seus ganhos de produtividade em relação à produção artesanal.

Essa primeira fase da Revolução Industrial, aproximadamente de 1760 a 1850, aconteceu na Inglaterra, cujo pioneirismo se deveu a alguns fatos, tais como: a formação do capital; a questão política; a posição geográfica; o crescimento demográfico; os transportes; a expansão da agricultura; a indústria do algodão; a indústria do carvão e do ferro entre outros<sup>1</sup>.

Em linhas gerais, o pensamento de Saint-Simon advogava a irreversível decadência do sistema católico-feudal, o qual estava em vias de ser substituído em todas as civilizações ocidentais por uma nova ordem social. Nessa nova ordem, haveria a substituição da guerra e da Teologia pela indústria e ciência, perdendo espaço os padres, nobres ou soldados, que seriam substituídos por engenheiros, chefes industriais e operários. A indústria guiada pela ciência possibilitaria, por meio de uma associação de capitais, o desenvolvimento fabril, o cultivo da terra, para ampliar o comércio, tendo como um dos intuitos o incentivo ao surgimento e manutenção de artistas e cientistas (Lonchamp, 1959, pp. 24-25). Dessa forma, pode-se dizer que Saint-Simon tinha como principal objeto de seu estudo o futuro da sociedade, publicando planos de reorganização social, programas de estudos científicos e apontando o novo mundo que surgiria por meio da ciência e da indústria.

Comte, como já dito, entusiasmou-se com tal empreitada, e esse período foi de suma importância na evolução de seu pensamento. Inicialmente, os trabalhos que escreveu durante os anos da associação com Saint-Simon, especialmente entre 1819 e 1824, refletem sem sombra de dúvida a influência do mestre. Apesar disso, suas principais obras dessa época já continham o germe de todos os seus desenvolvimentos posteriores, mesmo das idéias mais tardias.

---

<sup>1</sup> Para uma análise de como esses fatores influenciaram a Revolução Industrial na Inglaterra, veja (Iannone, 2002, pp. 44-53).

Em 1824, desentendeu-se com Saint-Simon, por questões de autoria de ensaios publicados, dando desfecho a várias indisposições entre eles, que vinham acontecendo desde 1822.

Saint-Simon foi progressivamente abandonando o objetivo de reforma teórica do conhecimento e dedicando-se “a tarefas práticas no sentido de formar uma nova elite industrial e científica, que teria como alvo a reforma da ordem social” (Giannotti, 1983, VIII).

Comte acreditava que a verdadeira renovação deveria primeiramente ser teórica, pois os pensamentos e sentimentos deveriam ser transformados antes de qualquer ação prática. Ele entendia que todas as tentativas anteriores teriam naufragado por não observarem essa trajetória, ao criarem constituições, leis, instituições sociais, sem que as pessoas estivessem preparadas para isso. Assim, seria necessária, em primeiro lugar, a disseminação da ciência, de modo a formar uma corporação de cientistas, que teriam por missão reformar os pensamentos e sentimentos, o que, por sua vez, levaria espontaneamente às novas formas mais avançadas de instituições sociais. Nessa visão, a educação teria um papel primordial e seriam as idéias, e não as condições materiais, os principais motores de transformação e evolução social.

Em realidade, Comte temia “por uma suposta anarquia social, que no século XIX – conforme tantas vezes escreveu – já seria o estado quase normal da sociedade européia, em particular da francesa” (Benoit, 2002, p. 62). Ele foi criado sob o medo da revolução. Seus pais eram católicos fervorosos e tiveram muitas dificuldades na França pós-revolução, tendo, aliás, que batizá-lo às escondidas, uma vez que se viviam momentos de grande instabilidade política, provocada pela fase revolucionária a que se convencionou chamar de “terror ditatorial”. Talvez estivesse aí a origem de sua obsessão pela ordem política.

Não se deve esquecer, também, que ele viveu e criou sua obra, basicamente, na primeira metade do século XIX,

em uma sociedade profundamente abalada pelos conflitos resultantes do processo de transformações econômicas e políticas posteriores à Revolução de 1789: a era napoleônica; a derrubada de Carlos X, em 1830; as revoltas de Lyon e Paris, em 1832 e 1834; a revolta de Paris em 1839; as duas revoltas de Paris, em 1848, e o golpe de Louis Bonaparte (Moraes, 1995, p. 111).

Apesar de ter sido influenciado por pensadores teocráticos, como De Maistre, Comte fazia questão de distinguir seu pensamento do desses ideólogos,

que acreditavam na doutrina da contra-revolução e desejavam apenas um retorno ao passado. Ele não achava isso possível e atribuía total falta de senso histórico à crença de que o retrocesso à ordem social e política da Idade Média seria a solução para o caos revolucionário, que acreditavam estar vivendo. Além disso, não via só aspectos negativos nas revoluções. Isso porque elas

longe de serem apenas um mal radical ou pura negatividade histórica, como haviam pensado os pensadores da contra-revolução, ao contrário, deveriam ser entendidas como um mal transitório, porém imprescindível porque inerente ao próprio progresso histórico (Benoit, 2002, p. 63).

Depois do rompimento com Saint-Simon, Comte voltou a ministrar aulas particulares de Matemática e continuou a escrever ensaios com o mesmo objetivo dos que foram publicados anteriormente, quando ainda era secretário de Saint-Simon. Agora com uma pretensão ainda maior, a de criar um sistema filosófico – a Filosofia Positiva – com o intuito de, a partir da completa reforma intelectual do homem, criar as condições necessárias para a reorganização social, embasada nos novos conhecimentos da ciência.

De todos os ensaios publicados, antes e depois da colaboração com Saint-Simon, o filósofo de Montpellier selecionou alguns e publicou-os, em 1854, sob o título *Opúsculos de Filosofia Social*, reproduzidos em apêndice no último volume do *Sistema de Política Positiva*. As obras selecionadas foram as seguintes: *Separação Geral entre as opiniões e desejos* (1819); *Sumária apreciação do conjunto do passado moderno* (1820); *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade* (1822); *Considerações filosóficas sobre a ciência e os cientistas* (1825); *Considerações sobre o poder espiritual* (1826); e *Exame do tratado de Broussais sobre a irritação* (1828).

Sua intenção, ao colocar esses trabalhos como apêndice de sua *Política Positiva*, era mostrar, aos já esperados críticos da segunda fase de sua obra, que suas idéias já estavam assentadas desde os escritos de sua juventude, ou seja, não havia ocorrido uma mudança no percurso ali traçado. O trecho a seguir, retirado do prefácio especial desse apêndice, corrobora essa afirmação:

De acordo com o anúncio feito em 1851, no início do Tratado que acabo de terminar, junto a este volume final uma escrupulosa reprodução de todos os meus primeiros *Opúsculos* sobre a Filosofia Social.

Fazendo ressurgir aqui escritos incluídos em periódicos há muito esquecidos, poderá este Apêndice facilitar a iniciação positiva dos espíritos dispostos a seguir exatamente marcha idêntica a minha. Este apêndice é, porém, sobretudo destinado

a manifestar a perfeita harmonia entre os esforços que caracterizam minha juventude e os trabalhos realizados em idade madura (Comte, 1972, p. 1).

Posteriormente, esse fato voltará a ser discutido, considerando que a segunda fase de sua obra foi alvo de várias críticas, inclusive, por parte de muitos e importantes de seus seguidores.

Em fevereiro de 1825, Comte casou-se civilmente com Caroline Massin, jovem de vida irregular, proprietária de uma pequena livraria, aberta por um cliente ilustre que, além disso, conseguiu que os registros de sua profissão anterior fossem apagados dos registros policiais. Ele conhecia a história de Caroline, pois também tinha sido seu cliente há alguns anos, já que em sua juventude, sozinho em Paris, costumava buscar companhia de prostitutas que freqüentavam as galerias do Palais-Royal (Destefanis, 2003, pp. 148-149).

Sua vida era instável financeiramente, eis que não conseguia uma posição com salário fixo e contava apenas com os rendimentos das aulas particulares e alguma renda adicional por colaborações em jornais. Assim, alguns meses depois de casado, “o que para Comte fora um relacionamento sereno e repousante, tornou-se uma relação tempestuosa e enervante” (Destefanis, 2003, p. 149), porque, além de seus problemas financeiros, ou por causa deles, suspeitava que sua esposa ainda mantinha ligações amorosas passadas. Tal fato perturbou sua tranquilidade e seu equilíbrio psíquico.

Ainda quando era colaborador de Saint-Simon, Comte já havia esboçado em sua mente a missão que deveria levar adiante, qual seja, a de formar um arcabouço teórico que permitisse, pela disseminação dessas idéias, uma reforma que construísse a nova ordem social, que surgiria quando o caos revolucionário chegasse a seu termo.

Com vistas nesse objetivo, tornava-se cada vez mais difícil perder tempo com as aulas particulares de Matemática, das quais entretanto não podia abrir mão. Foi quando, em janeiro de 1826, teve a idéia de iniciar um curso de Filosofia Positiva, que constaria de 72 lições, a ser ministrado de primeiro de março de 1826 a primeiro de março de 1827. O curso seria público e remunerado pelos subscritores (Capurro, 1999, p. 22). Contudo, mais do que a solução para seus problemas econômicos, esse curso permitiria a ele realizar um objetivo maior,

qual seja, o de permitir disseminar suas idéias reformadoras, não só pelas suas publicações, mas também pelo convencimento oral (Idem, ibdem).

Com o intuito de obter mais subscritores, o curso foi adiado por algumas semanas, sem muitos resultados, sendo que, em 4 de abril de 1826, Comte deu sua primeira conferência, em sua própria residência. Embora restrito, o auditório era composto por eminentes estudiosos: “nas primeiras fileiras do auditório sentavam-se Broussais, Blainville, Poinso, J. Fourier, Alexandre de Humboldt” (Lonchamp, 1959, p. 42).

Comte deu apenas três aulas e foi obrigado a interromper o curso devido a uma grave crise mental<sup>2</sup>. Os participantes do curso, ao comparecerem para a quarta conferência, em 12 de abril de 1826, foram surpreendidos com o apartamento vazio e informados de que o mestre adoecera.

Prontamente foi internado na clínica de doenças mentais do famoso discípulo direito do Dr. Pinel, Dr. Esquirol, que, de imediato, diagnostica seu mal como “mania”. Esquirol era um médico conceituado na França, escritor de um renomado livro denominado *Memória sobre a mania* (1818), onde definia essa doença da seguinte forma:

Os fenômenos da mania são resultado de uma perturbação da inteligência (...). Levado pela exaltação de idéias que nascem de suas lembranças, o maníaco confunde o tempo e o espaço; aproxima os lugares mais distantes, as pessoas mais estranhas; associa as idéias mais disparatadas; cria as imagens mais extravagantes; faz discursos incoerentes; pratica os atos mais ridículos (Apud Benoit, 2002, pp. 24-25).

Dr. Esquirol submeteu-o, então, a um tratamento de banhos frios e sangrias. Contudo, a agitação do paciente era muito grande e a terapia não fez qualquer efeito.

Comte permaneceu internado por vários meses, assistido por sua esposa e sua mãe, que deixara sua cidade natal para acompanhar o tratamento do filho. Em 2 de dezembro de 1826, Caroline e Rosália resolvem levá-lo para casa, não obstante o parecer contrário do médico. No livro de saídas, o Dr. Esquirol escreveu: N.G. (non-guéri, ou seja, não curado).

Tão logo foi liberado, levaram-no para casa, onde um padre o esperava para celebrar seu casamento com Caroline. Esse fato deveu-se à sua mãe, para quem,

---

<sup>2</sup> Para uma descrição e análise desse distúrbio mental de Auguste Comte, veja o livro *Auguste Comte: actualidad de una herencia*, de Raquel Capurro. Montevideo: Edelp, 1999.

como fervorosa católica, perante Deus, só o casamento religioso teria realmente valor (Capurro, 1999, p. 37). Apesar da intenção,

a cerimônia assumiu uma forma lúgubre e grotesca; à vista do padre, Comte, em forte estado de excitação, começou a exprimir sentimentos anti-religiosos, enquanto Caroline, sem a mínima fé, condescendeu a este rito cujo sentido escapava-lhe, apenas para cair nas graças da sogra. O rito, de qualquer modo, foi levado a termo, o ato do matrimônio firmado e o esposo o assinou com o nome Brutus Bonaparte Comte (Destefanis, 2003, p. 153).

Após o retorno a sua casa, ele continuou alternando estados de letargia com violentas explosões. Todavia, com o passar dos dias, essas crises foram se tornando cada vez mais raras e menos violentas, o que fez com que sua mãe resolvesse retornar a Montpellier.

Nos primeiros meses de 1827, Comte caiu em melancolia profunda, mantendo-se em um estado quase vegetativo (Capurro, 1999, p. 37). Isso o leva, em abril de 1827, a tentar o suicídio, jogando-se no rio Sena do alto da Ponte das Artes, mas foi salvo por um guarda-real, que se atirou em seu socorro. Embora falasse sem qualquer problema de sua estada na clínica do Dr. Esquirol, evitou fazer qualquer comentário durante a sua vida sobre esse incidente, que o envergonhava, como uma atitude de imperdoável fraqueza (Destefanis, 2003, p. 154).

Logo após, retorna a Montpellier, onde passa alguns meses em repouso. Retorna a Paris, ainda em 1827, e paulatinamente retoma seus trabalhos e leituras e, finalmente, em agosto de 1828, como para assinalar sua cura, publica, na *Gazeta de Paris*, o trabalho *Exame do tratado de Broussais sobre a Irritação e a Loucura*, último escrito para a imprensa periódica (Idem, ibdem).

Anos mais tarde, atribuiria esses terríveis acontecimentos a dois fatores: ao grande esforço mental despendido na elaboração do curso de Filosofia Positiva e ao comportamento de sua esposa, a quem acusava de traí-lo.

Em 4 de janeiro de 1829, reabriu definitivamente o curso de Filosofia Positiva, interrompido três anos antes, devido a seu desequilíbrio mental. A platéia, embora não contasse com a presença de Humboldt, continuava prestigiada por nomes ilustres, como Fourier, Navier, Broussais e o próprio Esquirol<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Segundo Gian Luigi Destefanis, a presença do Doutor Esquirol, talvez se devesse mais ao interesse em averiguar se seu antigo paciente estava realmente curado, que propriamente ao conhecimento da Filosofia Positiva de Comte (2003, p. 155).

Dessa vez, o curso se desenrolou sem quaisquer problemas, tendo sido proferidas todas as aulas previstas no programa. Aliás, em dezembro de 1829, refez em público esta exposição, em uma das salas do Ateneu Real de Paris (Lonchamp, 1959, p. 49).

Os acontecimentos políticos de 1830 resultaram na subida ao trono de Luís Filipe d'Orleans, sendo certo que Comte não se conformou com o abandono dos ideais republicanos pelo partido liberal, que concordou com a queda de um rei, para colocar outro no governo da França. Esse fato afastou-o da vida pública por cerca de 18 anos, e despertou nele a convicção da urgência e importância da educação e da necessidade de completar sua obra.

Durante o período de 1830-1842, quando escreveu o *Curso de Filosofia Positiva*, em seis volumes, continuou vivendo em dificuldades e à margem do mundo acadêmico. Todas as tentativas de ser nomeado para uma cadeira na Escola Politécnica ou para um lugar na Academia das Ciências ou, ainda, na Faculdade de França, foram em vão.

Somente em 1832, por intermédio de Navier, professor de Cálculo na Escola Politécnica, foi nomeado repetidor de Análise e de Mecânica Racional na referida Escola e, quatro anos mais tarde, em 1836, foi indicado como examinador para admissão na mesma instituição. Esses fatos acarretaram uma melhora financeira em sua vida, o que lhe permitiu, mesmo vivendo modestamente, dedicar menos tempo ao ensino particular e mais à elaboração de sua obra. Por outro lado, as crises conjugais foram se tornando mais freqüentes, com separações cada vez mais amiúde, desembocando na separação definitiva do casal em 1842, ano em que publicou o último volume de sua monumental obra *Curso de Filosofia Positiva*.

Em relação à sua pretensão de conquistar um cargo na Escola Politécnica<sup>4</sup>, que estaria, segundo ele, mais de acordo com sua estatura intelectual, e que finalmente poderia lhe proporcionar tranquilidade financeira para terminar sua missão, Comte só sofreu decepções. A cada cátedra que era liberada, “aquilo que ele considerava méritos acadêmicos não o eram pelas cúpulas das instituições

---

<sup>4</sup> Deve-se ressaltar que, embora não tenha conseguido a sua cátedra, Comte, apesar da literatura positivista sempre abraçar essa versão, Comte não poderia ser de todo marginalizado na Politécnica, pois seria necessária alguma influência institucional, para ter se mantido no cargo de repetidor por tanto tempo.

científicas e acadêmicas” (Destefanis, 2003, pp. 158-159). O grau de frustração que sentiu fica bem claro nas palavras a seguir:

O ressentimento que experimentou, aliado à convicção de que a injustiça de que se sentia vítima não era mais do que uma conseqüência de preconceitos intelectuais próprios dos mestres existentes, levou-o a denunciar a ‘pedantocracia acadêmica’ termo escolhido em J. Stuart Mill que pretende caracterizar a pretensão ‘de instituir, em nome da capacidade, a dominação das mediocridades ambiciosas’ (Arbousse-Bastide, 1984, p. 12).

Durante todo o período em que esteve envolvido com a redação dos seis volumes do *Curso de Filosofia Positiva*, permaneceu distante do mundo externo.

O seguinte trecho dá bem a medida desse alheamento:

Cada livro seu é construído inicialmente por inteiro na sua mente: uma ardente reflexão fixa as idéias, põe em ordem os raciocínios, e registra-os alínea por alínea. Uma única redação, nenhum rascunho, poucas correções, uma única prova. As trezentas páginas sobre astronomia foram escritas em cinco semanas. Esta alternância de concentração e de relaxamento, que marca o ritmo do seu esforço, tem duas conseqüências: de um lado, ele mantém a sua mente num estado de tensão elevada, ou seja, de extrema irritabilidade; de outro, as suas meditações exigem do seu pensamento um tal recolhimento em seu mundo interior, que ele arrisca-se a dele não mais sair (Gouhier apud Destefanis, 2003, p. 159).

Devido a esse grande esforço mental, e também por críticas que vinha sofrendo por causa de sua pretensão de submeter todas as ciências ao seu sistema, decidiu-se, por “higiene cerebral”, em 1838, a não ler mais uma linha de qualquer trabalho científico, limitando-se à leitura das obras dos grandes poetas ocidentais.

A sua obra *Curso de Filosofia Positiva* contava, de forma resumida, com a seguinte estrutura (Cf. Benoit, 1999, p. 391): Tomo I – Preliminares Gerais e a Filosofia da Matemática, escritas durante o primeiro semestre de 1830; Tomo II – A Filosofia da Astronomia e a Filosofia da Física, escritas respectivamente durante o mês de setembro de 1834 e primeiro semestre de 1835; Tomo III – A Filosofia da Química e a Filosofia da Biologia, escritas no mês de setembro de 1835; Tomos IV e V – A parte dogmática da Filosofia Social, no que se refere ao estado teológico e metafísico, escritos entre 21 de abril de 1840 e 26 de fevereiro de 1841; e Tomo VI – Complemento histórico da Filosofia Social e conclusões gerais, escritos entre 20 de maio de 1841 e 13 de julho de 1842.

Nesse último volume, escreveu um longo prefácio, onde revelava a história de suas frustrações na Escola Politécnica, rotulando-as de “manobras da maquinação pedantocrática”, sem se furtar a denunciar nominalmente seus

inimigos, responsáveis pelas injustiças contra ele cometidas (Arbousse- Bastide, 1984, p. 12).

É óbvio que tal atitude acirrou os ânimos dos acadêmicos contra ele, culminando, em 27 de maio de 1844, com sua exclusão do cargo de examinador para admissão na Escola Politécnica. Além dos motivos já alegados, Comte ainda propiciou mais um motivo para aqueles que queriam afastá-lo do cargo, com a publicação, em março de 1843, de seu livro *Tratado Elementar de Geometria Analítica*, que soou aos membros do Conselho da Politécnica como um desafio, haja vista que eles haviam “aconselhado oficiosamente aos examinadores da admissão que não fizessem sair nenhuma obra elementar que pudesse servir de preparação para o exame” (Idem, p.13).

Apesar de todas essas adversidades, o ano de 1844 trouxe, também, motivos para sua satisfação, pois começou a adquirir discípulos importantes. Pode-se citar Emile Littré, sábio muito conhecido na França, tradutor de Hipócrates, que tomou posição pública favorável à Filosofia Positiva de Comte, tornando-se um de seus mais célebres difusores na França.

O mais importante, porém, era o fato de que sua doutrina positiva havia atravessado as fronteiras da França, recebendo considerável acolhida na Inglaterra. David Brewster, físico eminente, saudou-o nas páginas do *Edinburgh Review*, em 1838 e, o mais gratificante de tudo, John Stuart Mill transformou-se em seu admirador, citando-o em seu *Sistema de Lógica* (1843), como um dos mais importantes pensadores europeus.

Comte e Mill passaram a se corresponder regularmente, e esse intercâmbio serviu-lhe não somente para discutir seus pensamentos e aprofundá-los, mas também para desabafar com o eminente filósofo inglês as vicissitudes de sua existência pessoal e material. Mill, quando tomou conhecimento das dificuldades financeiras de seu correspondente, arrecadou, entre seus amigos e “compatriotas afortunados”, auxílio ao filósofo francês (Arbousse-Bastide, 1984, p. 14).

Auguste Comte publicou, em 1844, um livro denominado *Tratado Filosófico de Astronomia Popular*, que reunia as lições do curso que ministrava desde 1830, além de um longo preâmbulo intitulado *Discurso sobre o Espírito Positivo*, que correspondia à introdução feita habitualmente. Essa introdução foi publicada separadamente, logo após o referido Tratado.

Esse curso sobre Astronomia era endereçado aos operários e patrocinado pela *Associação Politécnica para a Instrução Popular*, que pretendia desenvolver cursos de formação elementar para operários de Paris. Comte se ofereceu para ensinar Astronomia. Mas por que Astronomia? Segundo Lelita Oliveira Benoit, pode-se concluir que o ensino dessa ciência é

um modo fácil e direto de convencê-los da ‘verdade positivista’ (...). A astronomia ensina que o universo tem uma ordem, ao mesmo tempo, perfeita, estável, e *completamente fora do alcance de modificações que possam ser introduzidas pelo homem*. Ensinada esta verdade científico-positiva, seria fácil, escreve Comte, convencer os operários de que a sociedade, tal como o conjunto dos fenômenos astronômicos, também tem uma *ordem natural* que não se deve desestabilizar, que não se tem o direito de modificar ou reconstruir (2002, p. 27, grifos da autora).

No mesmo ano de 1844, em outubro, conheceu a irmã do matemático Maximilien Marie, um de seus antigos alunos, Clotilde de Vaux, por quem se apaixonou e que dali para frente exerceria uma influência muito grande, não só em sua vida sentimental, mas também em seus pensamentos filosóficos.

Auguste Comte, separado há três anos de sua esposa, estava então esboçando o que pretendia ser a sua principal obra: *Sistema de Política Positiva*, da qual ele considerava o *Curso de Filosofia Positiva* apenas uma preparação. Importa ressaltar que sua paixão nunca pôde se transformar em amor físico, uma vez que, naquela época, na França, não havia a hipótese de divórcio, nem no caso do desaparecimento de um dos cônjuges, o que impediu Clotilde de Vaux de assumir qualquer compromisso com ele, que não fosse o de simples afeto e amizade. Esse fato o marcou de forma indelével, ante o seu temperamento passional, e “transformou o [seu] amor físico em adoração espiritual, aquela mulher que tanto o tentara se transmutou em anjo” (Destefanis, 2003, p. 167). Tornando a história ainda mais trágica, Clotilde morre, em 5 de abril de 1846, de uma grave doença.

Até que ponto esse encontro influiu em sua obra é muito difícil de avaliar. Muito provavelmente, teria fundado a Religião da Humanidade, tendo conhecido ou não a sua musa, mas resta a pergunta: o resultado teria sido o mesmo, ou Clotilde influenciou a obra de Comte, a ponto de transformá-la? Em um discurso, por ocasião do terceiro ano de falecimento dela, ele pronunciou as seguintes palavras que, de certa forma, dão uma idéia da forte impressão que esse amor lhe causou:

O positivismo religioso começa justamente naquela nossa primeira preciosa conversação da quinta-feira, 15 de maio de 1845, quando meu coração, inopinadamente, proclamou, ante a tua família maravilhada, a frase característica: não se pode sempre pensar, mas se pode sempre amar, que completada torna-se-á um mote característico da nossa composição (...) (Apud Destefanis, 2003, p. 166).

Comte devota o resto de sua vida à memória de sua musa filosófica. A obra a que estava se referindo era o *Discurso sobre o Conjunto do Positivismo*, publicado em 1848, que decorre diretamente do preâmbulo de seu curso de Astronomia Popular. Essa obra monumental de 400 páginas tratava-se já da introdução do seu *Sistema de Política Positiva*, projetada desde o fim do *Curso de Filosofia Positiva*, em 1842, e aberta com a sentença: “Cansa-se de pensar e também de atuar; não se cansa de amar” (Destefanis, 2003, p. 166).

Com o fim da Monarquia em 1848, voltou a se entusiasmar pela ação política e social, fundando

em 25 de fevereiro de 1848, a *Associação livre para a instituição positiva do povo em todo o ocidente europeu*. O seu apelo instala-se com a divisa *Ordem e Progresso*, cujo selo fora instituído em 18 de janeiro de 1847.

Desde o começo de 1848, Comte reunia em sua casa, aos domingos, à noite, os amigos. A 8 de março, lançou um apelo intitulado: *O fundador da Sociedade positivista a quem quer que deseje nela integrar-se*. No domingo a 12 de março de 1848, teve lugar a primeira reunião da Sociedade Positivista (...). Tratava-se de um ‘clube orgânico’ semelhante ao ‘clube crítico’ dos Jacobinos, encarregado, não do desenvolvimento da Doutrina, mas das suas aplicações. O famoso calendário positivista foi publicado em nome da Sociedade positivista em abril de 1849. Fora anunciado em 1842, no último volume do Curso. A 7 de maio de 1849, Comte datava uma carta para seu discípulo Laffitte de 15 de César de 61 (Arbousse-Bastide, 1984, pp. 15-16).

Em 1851, ao iniciar a publicação do *Sistema de Política Positiva*, dedicou-o a Clotilde de Vaux, dizendo esperar que a humanidade lembrasse seu nome sempre junto ao dela. Nesse trabalho, deu primazia à emoção sobre o intelecto, ao sentimento sobre a racionalidade e fundou o Positivismo religioso, o que fica bastante claro no título completo da obra: *Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade*. A publicação da obra continua até 1854 e é composta de quatro volumes estruturados como se segue (Cf. Benoit, 1999, p. 393): Tomo I – Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo e Introdução Fundamental, julho de 1851; Tomo II - Estática social ou Tratado Abstrato da Ordem Humana; maio de 1852; Tomo III – Dinâmica Social ou Tratado Geral do Progresso Humano; agosto de 1853; Tomo IV – Quadro Sintético do Futuro Humano, agosto de 1854.

Com essa nova fase, perdeu a maioria de seus seguidores racionalistas, como John Stuart Mill e Emile Littré, que não aceitaram que o amor universal fosse a solução para os problemas sociais da época e tampouco concordaram com a criação da *Religião da Humanidade*, da qual Comte se proclamou o Sumo Sacerdote. Emile Littré atribuía essa fase da vida do filósofo a um novo distúrbio mental pelo qual ele estaria passando pois, para Littré, o antigo arauto do estágio positivo havia retrocedido à fase teológica.

Comte passou a assinar suas circulares como "fundador da religião universal e sumo sacerdote da humanidade". E, como qualquer outra, a Religião da Humanidade teve a sua liturgia, com os sacramentos positivistas, expostos de forma ordenada, em 1852, em sua obra doutrinária: *Catecismo Positivista ou Exposição Sumária da Religião Universal*. Esses ensinamentos já estavam sendo expostos no *Curso Filosófico sobre a História Geral da Humanidade*, que substituiu o curso de Astronomia Popular, desde 1849, e que ele ministrou até 1854.

Em novembro de 1851, Comte perde o seu lugar de repetidor na Escola Politécnica. Desde então, sua subsistência dependia principalmente dos membros da Sociedade Positivista, os quais contribuía para a manutenção do mestre. Mas, em seus últimos anos de vida, ele levava uma vida frugal, em que só saía de casa uma vez por semana, para visitar o túmulo de Clotilde de Vaux. Boa parte de seus dias era dedicada “à prece, à meditação, à leitura das cartas de Clotilde ou das obras de Dante e Petrarca (...) ou *da Imitação de Cristo*”. Além disso, recebia em casa seus discípulos mais fiéis, realizava reuniões da Sociedade Positivista, exercia suas funções sacerdotais e escrevia cartas de orientação a seus discípulos, que comparava às epístolas de São Paulo (Destefanis, 2003, pp. 178-179).

Comte ainda publicaria mais dois livros: o *Apelo aos Conservadores*, em 1855, dirigido às elites dirigentes da França, em contrapartida ao *Catecismo*, que teve como alvo os operários. Seu último livro correspondia ao primeiro tomo do que seria sua derradeira obra, a *Síntese Subjetiva*. A esse primeiro volume, publicado em 1856, denominou de *Sistema de Lógica Positiva*. A obra, planejada para quatro volumes, seria o ponto final da evolução do pensamento positivo. Os outros três tomos corresponderiam, segundo os planos de Comte a: dois volumes referentes ao *Sistema de Moral Positiva* e um dedicado ao *Sistema de Indústria Positiva*. Comte não viveria para cumprir esse objetivo.

Uma outra idiosincrasia do autor revelou-se na confecção desse volume, conforme conta Destefanis:

ela [a *Síntese Subjetiva*] se apresentava como uma obra de leitura extremamente difícil, seja em parte pelo assunto tratado, seja sobretudo por causa da nova técnica de redação que Comte decidira adotar para as suas obras daquele momento em diante. Cada volume devia ser composto por sete capítulos, mais uma introdução e uma conclusão; cada capítulo devia por sua vez articular-se em três partes, cada uma em sete seções; cada seção devia compreender sete alíneas, cada uma de cinco ou sete frases; as letras iniciais de cada frase de uma alínea e as de cada alínea de uma seção, deviam formar uma palavra de significado completo em francês, em inglês, em alemão, em espanhol ou em latim; as letras iniciais das seções, enfim, deviam seguir a ordem alfabética. Um verdadeiro trabalho de Sísifo! (2003, p. 180).

Comte, após alguns meses de convalescença, faleceu em 5 de setembro de 1857. Como era seu desejo, foi velado por sessenta horas, e enterrado no dia 8 de setembro de 1857. Apenas um pequeno grupo de discípulos e amigos seguiu seu cortejo até o cemitério de Pere Lachaise, onde foi sepultado em lugar previamente escolhido por ele.

A partir da vida complexa e dramática do criador da Igreja Positivista, pode-se indagar até que ponto a história pessoal e subjetiva de um pensador pode influir em suas idéias e obras. É claro que a sua carreira intelectual foi profundamente influenciada pelo meio e pela época em que viveu, sendo certo que, sua própria obra, incluída aí sua correspondência, dá muitos sinais de como sua biografia pode ter influenciado seu trabalho. Não se nega a complexidade dos escritos a serem analisados, mas seria um trabalho importante e interessante pesquisar sobre a relação entre a vida e a obra do autor do *Curso de Filosofia Positiva*.

### 3.2

#### **As diretrizes gerais do Sistema da Filosofia Positiva**

Não se pode entender o pensamento de Auguste Comte apartado das grandes transformações que ocorreram no século XIX, resultado do desenvolvimento das ciências, que já vinha ocorrendo desde o século XVII, especialmente com Galileu, Bacon, e, principalmente, Isaac Newton. Esse último provocou uma verdadeira revolução na concepção do mundo, com a publicação de sua obra *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. Nela, desenvolve o que hoje é denominada Mecânica clássica e, abalando de forma definitiva a física

aristotélica, unificou as leis da natureza, o que passou a prevalecer para o todo o universo.

Esses êxitos notáveis da ciência na explicação do mundo, aliados a grandes transformações econômicas e sociais provocadas pela Revolução Industrial, tiveram conseqüência direta na vida das pessoas. Estabeleceu-se, de tal maneira, uma relação entre os seres humanos e a ciência, que esta passou a fazer parte de suas vidas.

A percepção de que a ciência explicava e solucionava mais problemas, além de ampliar sobremaneira a compreensão do mundo, permitindo até mesmo, uma previsão dos movimentos planetários com um grau de precisão sem par, aumentou o clima de confiança em relação à ciência, pelo menos por parte da elite pensante européia.

Nesse passo, a Filosofia Positiva surgiu em um momento histórico, com o terreno preparado por inúmeras transformações científicas e tecnológicas, coincidindo, ainda, com a decadência do sentido metafísico e religioso do conhecimento.

A religião ia, assim, perdendo terreno no domínio do conhecimento, que durante toda a Idade Média tinha sido seu monopólio, e até mesmo a Filosofia era freqüentemente acusada de se perder em estéreis discussões metafísicas, que não levavam a lugar algum. A ciência passou a ser, sem rivais, a forma de pensamento mais importante para se explicar o mundo.

Comte teve sua formação nesse contexto e, como já dito, estudou na Escola Politécnica de Paris, o que lhe deu um bom embasamento do grau que tinha atingido o conhecimento científico, pelo menos do final do século XVIII e início do século XIX. Nessa época, aquela escola possuía em seus quadros personalidades expressivas no mundo da filosofia e ciência.

O primeiro ponto a se destacar no pensamento de Comte é que ele, assim como Aristóteles, concebia a Filosofia como um sistema geral do conhecimento humano. E quanto ao sentido do termo Positivo, o que ele pensava? Em seu *Discurso sobre o espírito Positivo*, que servia de introdução ao *Tratado Filosófico de Astronomia Popular* e que, pode-se dizer, constituía um resumo do *Curso de Filosofia Positiva*, procurou explicitar de forma bem detalhada o sentido da palavra Positivo na Filosofia que apresentava, analisando as várias acepções desse

vocábulo. Inicialmente, esclarece que todos os sentidos servem para caracterizá-lo:

Como todos os termos vulgares elevados assim gradualmente à dignidade filosófica, a palavra *positivo* oferece, em nossas línguas ocidentais, várias acepções distintas, mesmo afastando o sentido grosseiro, que de início se vincula a ela entre os espíritos mal cultivados. Mas importa notar aqui que todas essas diversas significações convêm igualmente à nova filosofia geral, indicando-lhe alternativamente diferentes propriedades características. Assim, esta aparente ambigüidade não mais oferecerá qualquer inconveniente real. Seria preciso ver nisso, ao contrário, um dos principais exemplos dessa admirável condensação de fórmulas que, nas populações avançadas, reúne, sob uma única expressão usual, vários atributos distintos, quando a razão pública chega a reconhecer sua ligação permanente (1983b, p. 61).

Comte passa, então, com grande precisão semântica, a dissecar cada um dos sentidos do vocábulo em questão. Esse seu cuidado permite uma análise acurada da essência da Teoria do Conhecimento, constante de sua Filosofia Positiva.

A primeira acepção do termo Positivo, apresentada por ele, é a de real em oposição a quimérico, oportunidade em que esclarece que o novo espírito filosófico caracteriza-se “segundo sua constante dedicação a pesquisas verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência, com exclusão permanente dos impenetráveis mistérios de que se ocupava, sobretudo em sua infância” (Idem, p. 62). Vê-se que a exigência à realidade é um postulado fundamental, pois tão somente o fato é exequível à nossa inteligência. Desse ponto de vista, pode-se concluir que a filosofia de Comte opõe-se a toda elaboração metafísica, com uma clara inspiração empirista, uma vez que “é a experiência sensível que determina o acesso ao mundo dos fatos e uma ciência que faz asserções sobre o real é sempre uma ciência experimental” (Moraes, 1995, p. 125).

Apesar disso, a Filosofia Positivista não é um empirismo ingênuo, pois “para Comte, o verdadeiro espírito positivo está tão afastado do empirismo – que, ao seu ver, permanece apenas em uma ‘estéril acumulação de fatos’ - quanto do misticismo – que se limitaria a uma interpretação sobrenatural dos fatos” (Idem, *ibidem*).

Embora afirme que os conhecimentos reais se apóiam em fatos observados, ele também entende que para realizar observações é necessária a mediação de uma teoria. Tal assertiva pode ser comprovada em suas próprias palavras:

Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável, se for aplicada, como convém, ao estado viril de nossa inteligência. Mas, reportando-se à formação de nossos conhecimentos, não é

menos certo que o espírito humano, em seu estado primitivo, não podia nem devia pensar assim. Pois, se de um lado toda teoria positiva deve necessariamente fundar-se sobre observações, é igualmente perceptível, de outro, que, para entregar-se à observação, nosso espírito precisa duma teoria qualquer. Se, contemplando os fenômenos, não os vinculássemos de imediato a algum princípio, não apenas nos seria impossível combinar essas observações isoladas e, por conseguinte, tirar daí algum fruto, mas seríamos inteiramente incapazes de retê-los; no mais das vezes, os fatos passariam despercebidos aos nossos olhos (Comte, 1983b, p. 5).

O segundo sentido dado ao termo Positivo diz respeito ao contraste entre útil e ocioso. “Lembra (...) o destino necessário de todas nossas especulações sadias para o aperfeiçoamento contínuo de nossa (...) condição individual ou coletiva, em lugar da vã satisfação duma curiosidade estéril” (Comte, 1983b, p. 62). Observa-se que o conhecimento científico deve ter uma utilidade instrumental e tecnológica, mas a intenção última deve ser um aperfeiçoamento do ser humano, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo.

A terceira forma de se entender a palavra Positivo é a que qualifica a oposição entre certeza e indecisão. Essa certeza, na Filosofia Positiva, implica “espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo, e a comunhão espiritual na espécie inteira, em lugar dessas dúvidas indefinidas e desses debates intermináveis que devia suscitar o antigo regime mental” (Idem, ibdem).

A quarta acepção é a que opõe o preciso ao vago:

Este sentido lembra a tendência constante do verdadeiro espírito filosófico a obter em toda parte o grau de precisão compatível com a natureza dos fenômenos e conforme as exigências de nossas verdadeiras necessidades; enquanto a antiga maneira de filosofar conduzia necessariamente a opiniões vagas, comportando apenas a indispensável disciplina, baseada numa repressão permanente e apoiada numa autoridade sobrenatural (Idem, ibdem).

Tal sentido exposto por Comte está de acordo com sua época, caracterizada por um grande desenvolvimento científico e industrial, em que a precisão era cada vez mais importante para o desenvolvimento das sociedades européias.

O quinto e último significado analisado é o que utiliza a palavra positivo como contrária a negativo. Essa acepção deve ser discutida em conjunto com a necessidade, na Filosofia Positiva, de substituir, em todos os lugares, o absoluto pelo relativo, único caráter essencial do novo espírito filosófico não indicado de forma direta pelo termo Positivo:

A quinta acepção que acabamos de apreciar [positivismo contrário a negativo] é sobretudo conveniente para determinar essa última condensação [substituir absoluto por relativo] da nova linguagem filosófica, então plenamente constituída, segundo afinidade de ambas as propriedades. Concebe-se, de fato, que

a natureza absoluta das antigas doutrinas, teológicas ou metafísicas, determinasse necessariamente cada uma delas a tornar-se negativa em relação a todas as outras, sob pena de ela própria degenerar num absurdo ecletismo. É, ao contrário, em virtude de seu gênio relativo que a nova filosofia pode sempre apreciar o valor próprio das teorias que lhe são mais opostas, sem contudo chegar a uma vã concessão, suscetível de alterar a nitidez de suas vistas ou a firmeza de suas decisões (Idem, ibdem)

Ambos significados apontam para um tema muito importante na obra de Comte: o sentido histórico, que permite a concepção de que as teorias científicas são sempre relativas às circunstâncias históricas em que foram elaboradas. Por outro lado, o desenrolar histórico está sempre vinculado à última etapa da evolução do pensamento humano, que corresponderia ao Estado Positivista, fazendo com que a história tivesse um fim e o relativo transformar-se-ia novamente em absoluto. Dessa forma, a sua visão relativa nada tem a ver com as visões relativistas contemporâneas.

Além do até aqui exposto, um fundamento do Sistema Filosófico criado por Auguste Comte alicerçava-se na idéia de que a sociedade só pode ser reorganizada de forma positiva, após uma completa reforma intelectual do homem. As idéias transformam as condições sociais, econômicas e políticas, e não o contrário.

Esse seu pensamento, além de se refletir na importância desmesurada dada à educação, distinguia-se de outros pensadores de sua época, tais como os que abraçavam idéias socialistas, os quais, da mesma maneira, preocupavam-se com a reforma das instituições sociais, mas indicavam meios mais diretos para alcançá-la.

Enquanto esses pensadores pregavam a ação prática imediata, Comte achava que antes disso seria necessário fornecer aos homens novos hábitos de pensar, de acordo com o estado das ciências de seu tempo. Por essa razão, o sistema idealizado por ele estruturou-se em torno de quatro temas básicos.

Em primeiro lugar, uma filosofia da história, que tinha como objetivo básico mostrar as razões pelas quais o pensamento positivo deveria imperar entre os homens. Em segundo lugar, uma fundamentação e classificação das ciências baseadas na filosofia positiva. Após, uma sociologia que, além de determinar a estrutura e os processos de modificação da sociedade, permitisse a reforma prática das instituições sociais. Finalmente, a forma religiosa, proposta seus últimos anos de vida, quando assumiu o plano de renovação social: A Igreja Positivista.

Nos próximos itens, cada um desses temas será destacado para, de forma sintética, analisar os principais aspectos do pensamento de Auguste Comte.

### 3.3

#### A Filosofia da História no pensamento positivo

A Filosofia da História no pensamento positivo está fundamentada na conhecida Lei dos Três Estados, muitas vezes formulada por Comte. Foi enunciada pela primeira vez em seu opúsculo, publicado em 1822, quando ainda trabalhava com Saint-Simon: *Programa dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*, incorporado ao apêndice do último do volume do *Sistema de Política Positiva*, com o título de *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*. Este tinha como objetivo básico a construção de uma sociedade mais de acordo com a nova época que surgiria, após a superação das condições sociais de desorganização e crises constantes, ainda reflexos da Revolução Francesa. Isso por meio da implantação de uma “ordem regular e estável”, com base no conhecimento positivo da realidade. A idéia era construir uma nova doutrina que preparasse o homem para construir essa nova sociedade:

Assim, e em resumo, nem a opinião dos reis, nem a opinião dos povos, podem satisfazer de modo algum a necessidade fundamental de reorganizar a sociedade humana que caracteriza a época atual; o que equivale a formular a exigência de uma nova doutrina geral. Agora é igualmente impossível o triunfo de uma ou outra opiniões litigantes; nem sequer, podem já exercer uma atividade autêntica e verdadeira; situação esta que significa que os espíritos estão enfim suficientemente preparados para receber a doutrina orgânica.

O destino da sociedade que atinge a maturidade não é o residir para sempre na velha e inválida mansão que edificou na sua infância, como pensam os reis; nem o viver eternamente sem abrigo depois de a ter abandonado, como pensam os povos; mas, com auxílio da experiência adquirida, e com os materiais longamente acumulados, construir aquele edifício que venha a ser adequado aos seus fins superiores de trabalho, arte e jogo. Tal é o novo e grandioso empreendimento que está reservado para a geração atual (Comte, 2002, pp. 47/48).

Para isso, Comte valorizava a compreensão histórica do desenvolvimento das idéias, no progresso da civilização européia. Analisando as fases pelas quais passaram os grupos humanos, ele procurava justificar a necessidade da criação de uma nova ordem social capaz de reformar, tanto intelectual quanto moralmente, as sociedades humanas.

Ele acreditava ter descoberto a lei fundamental, que justificava a construção da nova ordem baseada em sua Filosofia Positiva, a qual imperaria “definitivamente no futuro do desenvolvimento da humanidade” (Moraes, 1995, p.113).

Em linhas gerais, essa lei é muito bem descrita nas seguintes palavras, apostas logo no início da primeira lição de seu *Curso de Filosofia Positiva*:

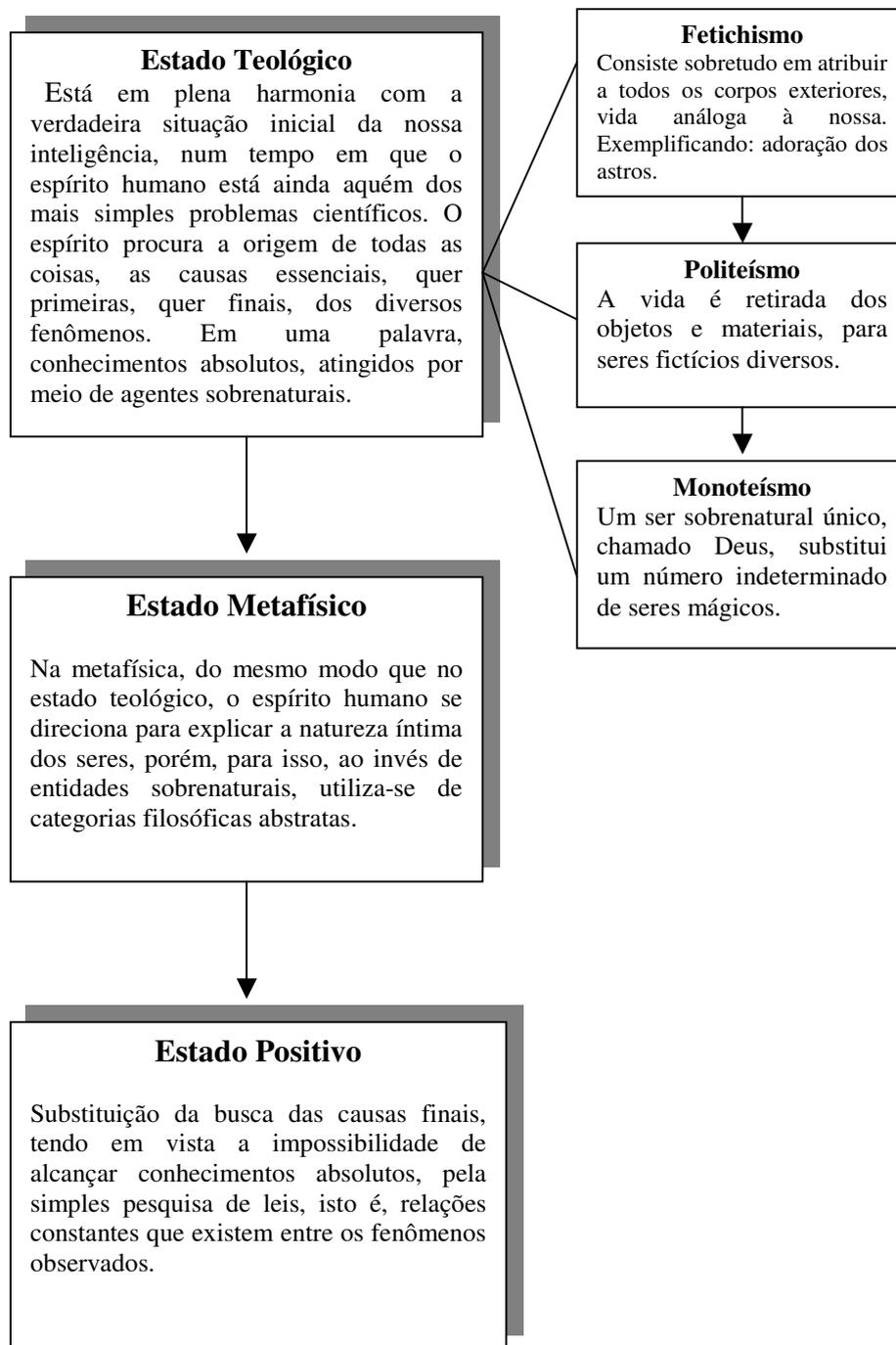
Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história.

Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes dum exame atento do passado. Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo do nosso conhecimento, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo. Daí três sortes de filosofia, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a terceira, seu estado fixo e definitivo; a segunda, unicamente destinada a servir de transição (1983a, pp. 3-4, grifos nossos).

Detalhando a Lei dos Três Estados, apresenta-se o gráfico a seguir, baseado na obra *Discurso Positivo*, onde Comte faz uma elaboração pormenorizada de sua lei fundamental (1983b, pp. 44- 50).

## LEI DOS TRÊS ESTADOS

(A evolução do espírito da espécie humana e dos indivíduos)



(Figura 1)

**Nota:** Cada estado tende para uma unificação: o teológico, para a idéia de um ser sobrenatural único; o metafísico, por outro lado, para a idéia da natureza; e, por fim, o positivo, em que a multiplicidade das leis, estágio que muito provavelmente nunca será atingido, tende a ser absorvida por uma única lei geral (Arbousse-Bastide, 1984, p. 29) - ainda hoje, os físicos buscam uma teoria unificada, que “explique” toda a natureza. A essa teoria procurada, costumam dar o nome de Teoria do Tudo.

Todos os ramos do conhecimento percorreram ou percorrem, segundo ele, todos os estados descritos. Em sua época, ele admitia que a Matemática, a Astronomia e a Física Terrestre já tinham atingido esse último estágio de desenvolvimento. Além das ciências, ou seja, o conhecimento da espécie, o indivíduo também reproduzia a Lei dos Três Estados:

O ponto de partida sendo necessariamente o mesmo para a educação do indivíduo e para a da espécie, as diversas fases principais da primeira devem representar as épocas fundamentais da segunda. Ora, cada um de nós, contemplando sua própria história, não se lembra de que foi sucessivamente, no que concerne às noções mais importantes, *teólogo* em sua infância, *metafísico* em sua juventude e *físico* em sua virilidade? Hoje é fácil esta verificação para todos os homens que estão ao nível de seu século (1983a, p. 5).

A Filosofia da História de Comte pressupõe que as sociedades ocidentais atingiriam o último estágio da evolução das idéias humanas, o Estado Positivo, que renega o conhecimento fundamentado na metafísica ou em explicações sobrenaturais. Dessa forma, pode-se concluir que “o espírito positivo não tem a pretensão de procurar a causa geradora dos fenômenos. Esta via não tem saída. Seria preciso procurar indefinidamente as causas das causas. Apenas pretende analisar com exatidão as circunstâncias do seu emergir” (Arbousse-Bastide, 1984, p. 29).

Um ponto fundamental em sua Filosofia Positiva da História é que, embora ele vislumbrasse um progresso contínuo das ciências, previa que, ao ser alcançado o Estado Positivo, este seria definitivo, isto é, de certa forma, ele estava antevendo o final da história, quando a humanidade atingisse esse estágio:

Homogeneizando-se todas as nossas concepções fundamentais, a filosofia constituir-se-á definitivamente no estado positivo. Sem nunca mais poder mudar de caráter, só lhe resta desenvolver-se indefinidamente, graças a aquisições sempre crescentes, resultantes inevitáveis de novas observações ou de meditações mais profundas. Tendo adquirido com isso o caráter de universalidade que lhe falta ainda, a filosofia positiva se tornará capaz de substituir inteiramente, com toda a superioridade natural, a filosofia teológica e a filosofia metafísica, as únicas a possuir realmente hoje essa universalidade. Estas, privadas do motivo de sua preferência, não terão para os nossos sucessores além de uma existência histórica (Comte, 1983a, p. 10).

Em suma, ao mesmo tempo em que prioriza a história na sua análise do conhecimento humano, isto é, torna os fatos relativos ao momento histórico em que foram gerados, ele pressupõe que, quando as sociedades atingissem o Estado Positivo, não mais haveria alterações, chegando-se à última etapa do pensamento humano.

### 3.4 A classificação das ciências

Como conseqüência da Lei dos Três Estados, Comte propôs uma seriação hierárquica das ciências, completando, assim, o que se pode denominar de Teoria da Ciência.

Inicialmente, concluiu que os fenômenos naturais podem ser expressos em um número finito de ramos do conhecimento que, no decurso da história, não se tornaram positivos na mesma época, percorrendo em velocidades distintas as três grandes fases de seu desenvolvimento, determinado pela Lei dos Três Estados. Contudo, elas evoluem seguindo uma

ordem invariável e necessária que nossos diversos gêneros de concepções seguiram e tiveram de seguir em sua progressão, e cuja consideração exata é o complemento indispensável da lei fundamental precedentemente enunciada [Lei dos Três Estados] (Comte, 1983a, p. 8).

Mas qual seria essa ordem imutável? Seguindo o critério do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto, além de se considerar o grau de dependência entre os ramos do conhecimento, ou seja, o fato de que os mais complexos e mais concretos dependem dos mais abstratos, tem-se a seguinte seqüência: os fenômenos astronômicos, os fenômenos da Física terrestre (os da Mecânica e os da Química) e, por fim, os fenômenos fisiológicos. Todos esses fenômenos naturais tinham, segundo Comte, alcançado o grau de teorias positivas (Idem, ibdem).

Mas ainda escapava do domínio dos fenômenos positivos o que ele denominou de Física Social, cuja fundação considerava o objetivo principal de seu *Curso de Filosofia Positiva*:

Eis a grande mas, evidente lacuna que se trata de preencher para constituir a filosofia positiva. Já agora que o espírito humano fundou a física celeste; a física terrestre, quer mecânica, quer química; a física orgânica, seja vegetal, seja animal, resta-lhe, para terminar o sistema das ciências de observação, fundar a *física social*. Tal é hoje, em várias direções capitais, a maior e mais urgente necessidade de nossa inteligência. Tal é, ousou dizer, o primeiro objetivo deste curso, sua meta principal (Idem, p. 9).

Em sua visão, para completar a classificação das ciências, era primordial que elas se tornassem homogêneas, por meio do uso método positivo, vislumbrando assim que nas “nossas concepções fundamentais, a filosofia constituir-se-á definitivamente no estado positivo” (Idem, ibdem). Ele se propôs

então a enfrentar tal tarefa, mesmo sabendo que não conseguiria alcançar, na Física Social, o mesmo nível de desenvolvimento das demais ciências:

As concepções, que tentarei apresentar a respeito do estudo dos fenômenos sociais e de que espero fazer com que este discurso já deixe entrever o germe, não poderiam pretender dar imediatamente à física social o mesmo grau de perfeição que possuem os ramos anteriores da filosofia natural, o que seria evidentemente quimérico, porquanto estas já apresentam entre elas, a esse propósito, extremadas desigualdades, aliás, inevitáveis. Mas serão destinadas a imprimir a essa última classe de nossos conhecimentos o caráter positivo que todas as outras já tomaram. Se essa condição for uma vez realmente preenchida, o sistema filosófico dos modernos estará fundado, enfim, em seu conjunto, pois nenhum fenômeno observável poderia evidentemente deixar de entrar numa das cinco grandes categorias, desde já estabelecidas: fenômenos astronômicos, físicos, químicos, fisiológicos e sociais (Idem, pp. 9-10).

As ciências mais complexas e mais concretas dependem das mais simples e abstratas. Pode-se dizer que os seres vivos estão submetidos não só às leis sociais, mas também às leis mais gerais, físico-químicas, a que se submetem todos os corpos vivos ou inanimados. Exemplificando: qualquer ser vivo está submetido, da mesma forma que a matéria inerte, às leis de Newton da Mecânica.

Na classificação de Comte, os métodos de uma ciência pressupõem já conhecidos os das ciências que a precederam na classificação. Malgrado, como já afirmado, as ciências mais complexas dependam das mais simples, tal fato não implica que se possa deduzi-las ou reduzi-las a essas últimas. Em suma, ele conclui que cada fase da classificação cria um campo novo de saber, embora dependente dos anteriores, a eles irredutível (Idem, p. 37).

Outra característica importante na classificação positiva é a divisão das ciências naturais em dois gêneros:

Um, abstratas, gerais, tendo por objeto a descoberta de leis que regem as diversas classes de fenômenos e que consideram todos os casos possíveis de conceber; outras, concretas, particulares, descritivas, designadas algumas vezes de ciências naturais propriamente ditas, e que consistem na aplicação dessas leis à história efetiva dos diferentes seres existentes (Idem, p. 25).

Comte então explicita que, no seu curso e, conseqüentemente, em sua classificação, só serão consideradas as primeiras, posto que fundamentais, enquanto que as outras, qualquer que seja sua importância prática, são secundárias e, de um trabalho com tal pretensão generalista, estas últimas não se concebe fazerem parte (Idem, ibidem).

Assim, ele só considera as ciências que conduzam a leis gerais, o que exclui as ciências práticas, bem como as que têm “por objeto fatos individuais, como a

história e geografia, [que] ficam também afastadas de seu estudo” (Tavares et al, 2001, p. 286).

O filósofo só se referiu ao lugar da Matemática, em sua classificação hierárquica, ao final das Preliminares Gerais do seu *Curso de Filosofia Positiva*:

Para completar a exposição do plano deste curso, resta-me agora considerar uma lacuna imensa e capital que, de propósito, deixei em minha fórmula enciclopédica, e que o leitor, sem dúvida, já notou. Não marcamos, com efeito, em nosso sistema científico, o lugar da ciência matemática.

O motivo dessa omissão voluntária reside na própria importância dessa ciência, tão vasta e fundamental (Comte, 1983a, p. 38).

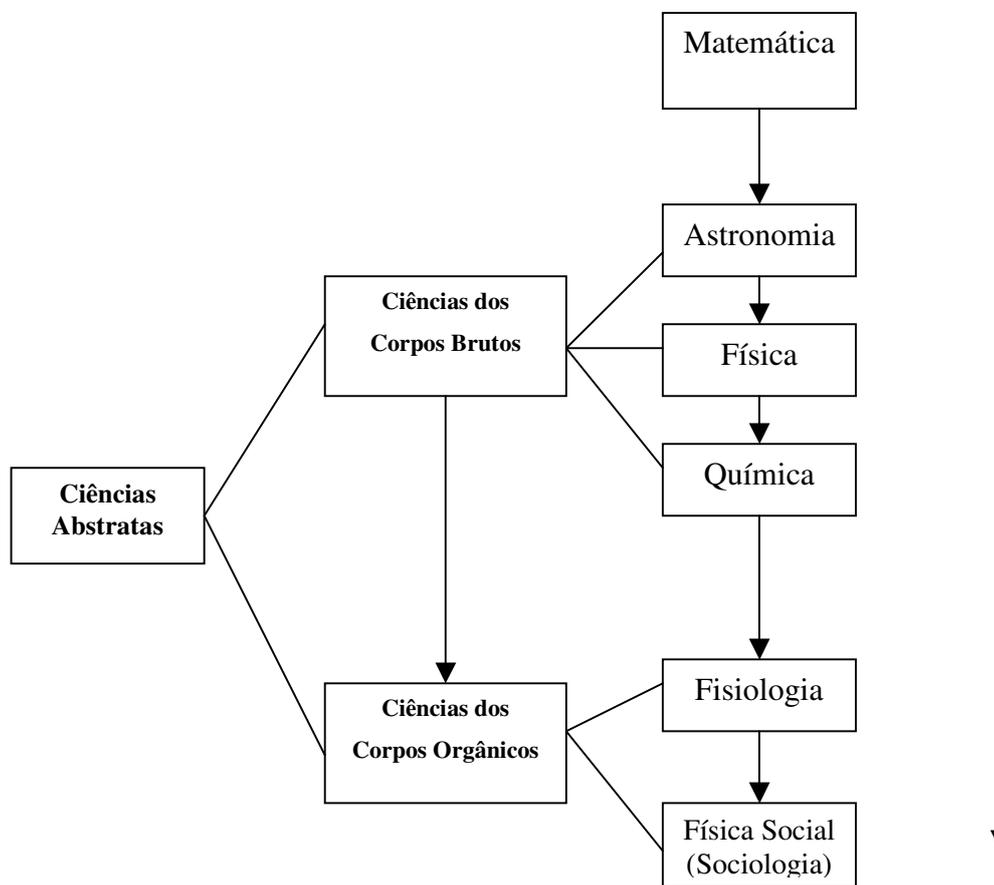
Para ele, a Matemática tornou-se, desde a época de Descartes e Newton, mais base fundamental de ciências naturais que parte constituinte da Filosofia Natural, mas que, com mais precisão, é ao mesmo tempo ambas as coisas (Idem, ibdem).

A fim de atingir seu objetivo, o criador da Filosofia Positiva divide a Matemática em duas ciências: “a matemática abstrata, ou o *cálculo*, tomando a palavra em sua extensão geral e a matemática concreta, que se compõe, de uma parte, da geometria geral, de outra, da mecânica racional” (Idem, ibdem).

Além disso, “como a parte concreta se funda na parte abstrata” e como a Filosofia Natural, tanto quanto possível, considera todos os fenômenos naturais como geométricos ou mecânicos, conclui-se que a Matemática abstrata é a base de toda a filosofia natural. Aliado a isso, Comte considerava a parte abstrata como “puramente instrumental” e simplesmente uma extensão da lógica, enquanto que a Geometria e a Mecânica eram verdadeiras ciências naturais (empíricas). Contudo, devido ao alto grau em que essas duas ciências se organizaram e se sistematizaram, algumas vezes é desconhecido o caráter experimental de seus fundamentos, implicando que elas sejam usadas muito mais como método do que como doutrina direta (Idem, pp. 38-39)

Após essas considerações, finalmente, enuncia de maneira definitiva a sua classificação das ciências naturais, apresentando sua forma enciclopédica: a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Fisiologia e a Física Social, única ordem lógica considerada por ele, de acordo com a “hierarquia natural e invariável dos fenômenos” (Idem, p. 39).

Entre as folhas 16 e 17 de seu *Curso de Filosofia Positiva*, Comte faz um grande quadro sinótico em que apresenta a estrutura de seu curso. O esquema, a seguir, extraído desse quadro, representa a sua classificação das ciências:



**(da mais simples à mais complexa e da mais geral à mais particular)**

**(Figura 2)**

Além do principal critério para justificar a ordem classificatória, ele utiliza mais dois, que não deixam de ser conseqüências do principal: *justificativa histórica* - as ciências encontram-se dispostas pela ordem de seu aparecimento; e *justificativa didática* - as ciências encontram-se dispostas por ordem de sua dependência relativa e, portanto, pela ordem por que podem e devem ser estudadas. Em suma, “as ciências mais complexas e mais concretas dependem, pois, das ciências mais abstratas e menos complexas, quer no plano dos objetos, quer no plano dos métodos” (Tavares et al, 2001, p. 287).

### 3.5.

#### A Sociologia ou Doutrina da Sociedade e a Religião Positiva

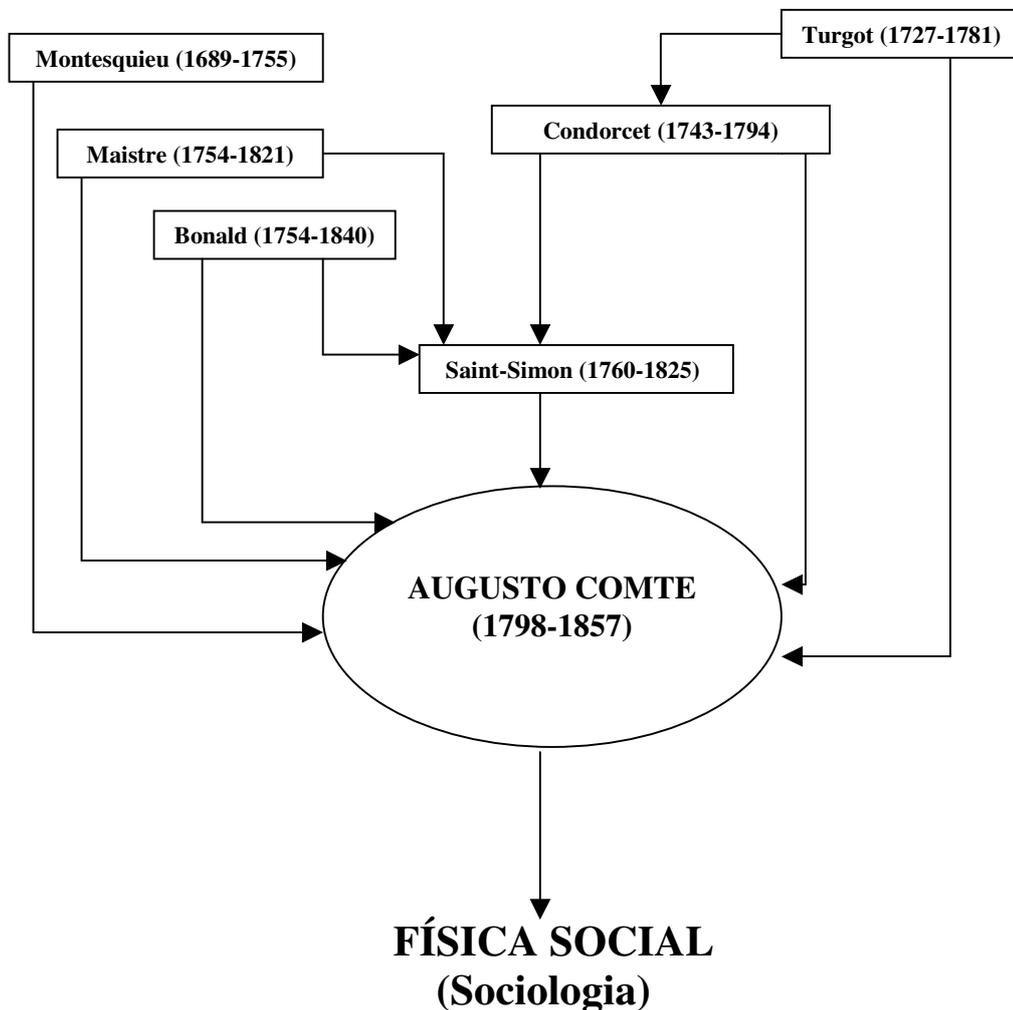
No *Curso de Filosofia Positiva*, fica claro que a principal intenção do autor não é, apenas, a análise do pensamento humano pela ciência, mas sim, completá-la com a criação da Física Social. Para Comte, havia chegado a hora de a ciência da sociedade atingir o Estado Positivo. Para tanto, ela deveria ultrapassar as concepções dogmáticas, supranaturais, religiosas e de idéias pré-concebidas, e passar a elaborar um sistema de conhecimentos, baseado em fatos. Não como um empirismo simplório, que acredita que a abstração é pura decorrência dos fatos observados, mas sim, com consciência de que a observação só é possível a partir de uma teoria, que a dirige, ajudando a interpretar os fatos.

A ciência social, para ele, traria a possibilidade de se conhecer o passado, e dele extrair a linha evolutiva que conduz ao futuro. A história é, essencialmente, a história do progresso do espírito humano. A partir disso, Comte tem duas grandes metas: estabelecer a síntese do conhecimento científico para, a partir da educação, reformular a sociedade. Porém, a Física Social, cujas bases pretende lançar, não é uma explicação definitiva, a identificação da causa final, mas, apenas, a constatação das leis naturais que regem o desenvolvimento de qualquer sociedade, de modo a agir de maneira positiva sobre ela.

Comte, embora tenha construído um pensamento original, sofreu várias influências na construção de seu pensamento, tanto de autores liberais quanto de conservadores, notadamente Condorcet e De Maistre.

Do Iluminismo, principalmente de Condorcet, assimilou a idéia de progresso, mas com um olhar crítico, pois temia o que denominava de *estado quase normal* da sociedade européia, particularmente da francesa, que ele acreditava ser o de anarquia social. Por outro lado, dos pensadores conservadores, cujo expoente era De Maistre, absorveu a necessidade da ordem social, mas também criticamente, pois sabia da impossibilidade da volta ao passado. Dessa forma, “o problema teórico enfrentado por Comte era o seguinte: como seria possível reformular o conceito iluminista de progresso, a partir de um quadro de preocupações comprometidas unicamente com a organização – ordem – social” (Benoit, 2002, p. 62).

A seguir, é apresentado um quadro com as principais influências sofridas por Comte, na elaboração de sua teoria social (Cf. Levine, 1997, pp. 148-149):



(Figura 3)

**Nota:** De Montesquieu, apropriou-se da aspiração para promulgar leis de funcionamento social; de Turgot e Condorcet, a visão de progresso humano impulsionado pela perfeição das faculdades racionais do homem; de Bonald e Maistre, a importância da integração social e da regulamentação moral; e, por fim, de Saint-Simon, a concepção de novas formas de elites seculares e espirituais em substituição às antigas.

A partir do quarto tomo do *Curso de Filosofia Positiva*, ele substituiu a antiga denominação que utilizava (Física Social) pelo termo Sociologia, com o intuito de não ter seu projeto de construção da nova ciência confundido com os

estudos do belga Adolphe Quételet, que aplicava o termo Física Social ao método estatístico que inventara, baseado na teoria das probabilidades, desprezada por Comte (Lacroix, 2003, p. 14).

Cabe aqui uma observação: Quételet criou o termo “Física Social” independentemente do autor do *Curso de Filosofia Positiva* (Cf. Giddens, 1996, p. 222), além de ter sido um cientista social importante. Nesse sentido, não se pode dizer que foi Comte o criador exclusivo da Física Social. A partir dos dois pensadores é que se fundou a Sociologia Moderna. O trecho a seguir endossa essa afirmação:

Durkheim (...) é, ao mesmo tempo, sucessor de Comte e Quételet. Em *A Divisão do Trabalho Social* (1893), procura, segundo inspiração de Comte, “deprender uma grande lei evolutiva”. Mas em *O Suicídio* (1897), utiliza dados estatísticos para “pôr em evidência, não, desta vez, as leis históricas do tipo comtiano, mas leis no sentido das ciências naturais, isto é, relações intemporais entre variáveis” (...).

Atualmente, os sociólogos julgam em geral que *O Suicídio* é a obra mais “moderna” de Durkheim, pelo seu método e emprego de estatísticas criminais e demográficas, isto é, pelo que o liga à tradição da “Ciência do Estado” de Quételet (Lapassade et al, 1972, p. 28).

Retornando a análise do pensamento de Comte, apesar de ter chegado mais tarde ao terceiro estado, ou seja, ao Estado Positivo, a Sociologia é a ciência suprema, que deveria ocupar o lugar mais alto na hierarquia do conhecimento e à qual estariam subordinadas as demais ciências. Para ele, o objeto da Sociologia era a investigação e o estabelecimento das leis que regem a ordem e o progresso da sociedade. Tendo em vista a sua posição na hierarquia das ciências, a Sociologia utiliza-se de todos os métodos das ciências anteriores, ou seja, observação, comparação, classificação, adicionado ainda a filiação histórica, para que se possa obter e ordenar os dados da realidade em hipóteses de trabalho, a partir da herança cultural das diversas gerações humanas (Moraes, 1995, p. 129).

Segundo Comte, sua Lei dos Três Estados era universal. Isso quer dizer que ele acreditava que qualquer sociedade evolui de um estado teológico para um estado metafísico e daí, finalmente, para um Estado Positivo. E é essa

dimensão social e sobretudo histórica (...) que distingue os homens dos animais. Não por acaso, é no método histórico que ele fará repousar a singularidade da sociologia, muitas vezes por ele tratada como a própria história ou como a filosofia da história. Pela observação, mediante o método histórico pode-se compreender a linha evolutiva dominante da humanidade, prevendo-se o futuro. Aliás, segundo a opinião de Comte, a previsão ‘facilitará’ o controle social, objetivo primeiro de sua doutrina, que tem como suposto o fato de que a natureza

humana possui uma base perene que, embora evolua segundo leis históricas, permanece sempre a mesma (Idem, p. 130).

Ele sistematizou o conteúdo dessa ciência, dividindo-a em dois campos principais: a Estática Social, ou o estudo das forças que mantêm unida a sociedade; e a Dinâmica social, ou o estudo das causas das mudanças sociais.

A **Estática Social** é a parte da Sociologia “que estuda as leis da harmonia, relativas à vida social do indivíduo e à família, bem como as que regem a sociedade, compreendendo a espécie humana como um todo, em especial os povos de raça branca” (Coelho, 2005, p. 57).

A Estática Social dedica-se, então, ao estudo das partes essenciais do organismo coletivo, das instituições básicas e dos órgãos fundamentais, que servem de sustentáculo à existência social, como por exemplo: a Língua, a Família, o Trabalho, a Produção, o Salário, o Capital, a Propriedade, o Governo etc. Ela estuda a sociedade em repouso, é uma espécie de “anatomia social”. Enfim, “estuda as leis da harmonia social, a sua hierarquia, manifestadas na coexistência e ordenação das classes e dos indivíduos” (Moraes, 1995, p. 130).

No entender de Comte, Consenso Social (consenso universal) significa que todos os fenômenos sociais isolados não têm sentido. A sociedade, na Estática Social, deve ser estudada em seu todo, no conjunto de seus fenômenos sociais.

É na Estática Social que é estudada a família, considerada uma instituição espontânea, imposta pela natureza do homem. Como há necessidade de se reproduzir, assegurando a perenidade da espécie, o homem aproxima-se da mulher e funda essa associação elementar, ponto de partida dos mais vastos agrupamentos sociais e da constituição da própria Humanidade. Para o filósofo de Montpellier, a família é a verdadeira célula social, ou seja, a sociedade é composta de famílias e não de indivíduos. É a família que o ser humano deve ter como modelo para organizar a sociedade, alcançando a ordem, palavra tão cara a ele:

A sociedade, família ampliada, funda-se na *cooperação*, na ‘sociabilidade universal’ e no altruísmo, tão comuns entre os homens.

Há, por conseguinte, uma ordem que vai do indivíduo, com seus instintos sociais, através da família, à sociedade.

Para que a ordem seja possível, faz-se necessário o governo, ou melhor, a autoridade, tanto na família, como na sociedade. Na primeira é exercida pelo marido, moderada, entretanto, pela mulher, enquanto na sociedade, pelo governo, possibilitado pela subordinação social fruto da tendência de comandar das elites (intelectual ou moral) e da de obedecer da maioria. Comandar e obedecer resultam das desigualdades sociais e da necessidade de ordem.

Sociedade e governo, no entender de Comte, implicam-se mutuamente: não há sociedade sem governo, nem governo sem sociedade (Gusmão, 1968, pp. 2-3, grifos do autor).

De acordo com o sistema de Comte, o grau de liberdade da ação humana é limitado pela natureza e pelo ritmo das leis naturais. Contudo, deixa espaço para a intervenção do Estado na vida econômica e na organização social. O homem público, o legislador, muito podiam fazer para acelerar a expressão das mais elevadas qualidades humanas na melhor convivência social, desde que tivessem o conhecimento necessário. Isso implicava ter uma formação integral, fundada na Filosofia Positiva.

A **Dinâmica Social** consiste na sucessão de modificações interligadas e fixas, sofridas pelos elementos sociais e instituições essenciais, em seu movimento espontâneo, decorrente de leis naturais, semelhantes às biológicas. Mas é na história que ocorre a evolução, em outra palavra, o progresso da sociedade humana, “caracterizado pela incessante especialização das funções, como um desenvolvimento orgânico em direção a um maior aperfeiçoamento, uma evolução qualitativa dos órgãos particulares” (Moraes, 1995, 131).

Ele utiliza a sua Lei dos Três Estados na explicação da evolução social. No Estado Teológico, fundamenta-se em noções, como a do direito divino dos reis. É a época dos sacerdotes e dos militares. No Estado Metafísico, predominam abstrações como contrato social, igualdade entre as pessoas e soberania popular. O último estado, o Positivo, seria caracterizado pela análise científica das leis sociais, que permitiriam uma nova organização política. Essa nova organização, que prevaleceria nas sociedades em seu Estado Positivo, em nada se pareceria com a democracia liberal, pois a sociedade seria estável, governada por uma minoria de cientistas e industriais, que empregariam métodos advindos da ciência, para resolver os problemas humanos e impor as novas e necessárias condições sociais. Ou seja, na nova sociedade ordenada e progressista, a política seria atribuição dos sábios e sua execução atributo de técnicos e administradores competentes (os industriais). Pode-se dizer que, de certa maneira, essa previsão se concretiza no século XX, com o advento da tecnocracia.

A liberdade para Comte era vinculada à ordem e o homem só seria livre se conseguisse colocar as leis naturais a serviço das mudanças sociais, porém, sem

saltos revolucionários. É o progresso, dentro da ordem, o objetivo da Sociologia comteana.

Foi com esses conceitos - ordem e progresso - que tentou superar tanto os conservadores, que desejavam o retorno à ordem medieval, quanto os liberais, que acreditava serem responsáveis pela anarquia permanente em que estava mergulhada a Europa, mais particularmente a França.

Para tanto, ele propunha um sistema político que, em linhas gerais, está bem descrito nas palavras seguintes:

Adversário do sufrágio universal, da soberania popular, da monarquia – tanto absoluta quanto constitucional -, das assembléias, afirmava que a República seria o regime adequado ao pleno desenvolvimento da humanidade. Sua proposta era a de uma nova ordem social onde o conceito da autoridade, a ênfase na obediência e no cumprimento do dever por quem está no poder aflora como essencial. Trata-se da ‘*ditadura republicana*’, fundamentada em bases científicas, garantia para o estabelecimento da ordem social definitiva (Moraes 1995, p. 132).

A Sociologia proposta no *Curso de Filosofia Positiva* estava ainda na jurisdição do método objetivo. Porém, nessa obra, “ele já entrevia o acordo das duas lógicas, a objetiva e a subjetiva. Embora, nesse primeiro momento, ele ainda não ligasse a lógica subjetiva aos sentimentos, já a via como complemento da outra” (Idem, p. 136).

Essa intenção de implantar uma nova ordem espiritual e secularizada, a fim de suplantar o pensamento sobrenatural ultrapassado da teologia cristã, começa a se concretizar em seu *Discurso sobre o Conjunto do Positivismo*, publicado em 1848, tanto que serviu de discurso preliminar ao seu *Sistema de Política Positiva*. Nessa obra, importante e complexa, podem ser encontrados

todos os grandes temas do positivismo integral e sistemático: o seu significado social e moral, a sua teoria do poder espiritual e da opinião, as suas relações com o comunismo, a sua concepção da mulher e da arte, os primeiros elementos da relação da humanidade (Arbousse- Bastide, 1984, p. 33).

Essa segunda fase de sua obra está definitivamente marcada, não só pela comoção causada pelos acontecimentos revolucionários, ocorridos em Paris, em 1848, como também pelo conhecimento e morte prematura daquela que se tornaria sua musa filosófica: Clotilde de Vaux. Nessa etapa, Comte estabelece a supremacia do método subjetivo, em prol da síntese total do pensamento positivista. Esse fato é muito bem descrito por Paul Arbousse-Bastide:

Pelo método objetivo, elevamo-nos do mundo até o homem; pelo método subjetivo descemos do homem até o mundo. Estes métodos não se excluem, antes,

se completam. A partir de 1846, e por ocasião da sistematização positiva dos sentimentos, é decididamente estabelecido o primado do método subjetivo. O benefício da síntese total, sempre recusado ao método objetivo, é-lhe expressamente reconhecido. O real pode ser abordado a partir de fora pelo método objetivo e analítico, ou a partir de dentro pelo método subjetivo e sintético. O primeiro método, sem excluir o segundo, não se prolonga neste necessariamente; o segundo método, não só inclui o primeiro, mas ‘regenera-o’, isto é, restitui-lhe a fecundidade ao reintegrá-lo na totalidade do sujeito coletivo, da humanidade. A noção de subjetividade em Comte inclui, ao mesmo tempo, a sistematização afetiva, o primado da ciência humana e a possibilidade de uma síntese total (1984, p. 35, grifo do autor).

Annie Petit, ao discutir as duas fases do pensamento de Comte, faz uma abordagem, inclusive, semântica: à primeira denomina Filosofia Positiva e à segunda, Positivismo. Em suas próprias palavras:

‘Positivismo’ é um termo já bem tardiamente forjado por Comte. No *Cours*, dele, só encontramos duas ocorrências, nas quais Comte não se detém. No entanto, quando o encontramos a partir de 1841 em sua correspondência está claro [que] (...) o termo ‘positivismo’ é então empregado numa perspectiva militante de reorganização social (...). A partir de 1848, por outro lado, a promoção do ‘positivismo’ se faz sistemática (1999, 37-38).

A partir de um trecho do *Discurso sobre o Conjunto do Positivismo*: “O positivismo compõe-se essencialmente de uma filosofia e uma política necessariamente inseparáveis, constituindo-se, uma, a base, e a outra, o objetivo de um mesmo sistema universal”, Anne Petit continua sua acurada análise:

Há de fato distinção-progressão entre ‘filosofia positiva’ e ‘positivismo’. Afirmar a ‘íntima combinação’ entre uma ‘filosofia’ e uma ‘política’, componentes do ‘positivismo’, significa dizer que a ‘filosofia positiva’ é uma parte do ‘positivismo’, mas também que este último não poderia ser reduzido àquela; ela lhe fornece os fundamentos, mas não é o edifício.

Ao promover o ‘positivismo’ como nova doutrina geral, Comte insiste também na preocupação de satisfazer, ao mesmo tempo, a razão, o sentimento e a imaginação, e de coordenar os diferentes aspectos de ‘toda nossa existência – pessoal e social, especulativa, ativa e afetiva. O positivismo visa não somente a novas maneiras de pensar, como também de sentir e agir, em suma, novas maneiras de viver (Idem, p. 38-39).

Em seu *Sistema de Política Positiva*, mais precisamente no segundo volume, Comte anuncia, atribuindo grande importância ao fato, o surgimento oficial da sétima ciência na sua hierarquia: a Moral. Em linhas gerais,

a moral de Comte é geralmente conhecida por suas teses mais popularizadas: a exaltação do sentimento e do altruísmo (viver para outrem), ou a negação dos direitos em favor dos deveres, ou ainda a crítica à liberdade de consciência. Deveria atuar na organização da nova sociedade tanto no aspecto político quanto no econômico. Com relação à política, a moral positiva deveria despertar nos súditos sentimentos de obediência e sujeição e, nos governantes, responsabilidades no exercício da autoridade. Com relação à área econômica, a moral deveria tornar

os ricos perfeitos administradores de seus bens e os pobres dependentes satisfeitos com sua posição social. Ambas as classes ‘colaborando para a prosperidade, grandeza e realização da humanidade’.

Para Comte, nem a economia, nem a política poderiam ser vistas separadamente da moral (Simon, 1999, p. 127).

A partir de 1848, com a fundação da Sociedade Positivista, Comte e seus adeptos, ou seja, todos os positivistas, passam a ter obrigações na busca da consecução do objetivo de construir a nova ordem política, intelectual e moral, que teve sua realização plena na Religião da Humanidade.

A Religião Positiva substitui o Deus das religiões reveladas pela própria Humanidade, considerada como Grande-Ser. Este Ser, do qual fazemos parte, transcende-nos, entretanto, pelo gênio de seus grandes homens, de seus sábios, aos quais devemos prestar culto após a morte. A essa sobrevivência na veneração de nossa memória, ele denominou de *imortalidade subjetiva*.

Comte é tanto filósofo do progresso quanto da ordem. Conservador e admirador da unidade dos espíritos da Idade Média, foi fortemente influenciado pela organização da Igreja Católica Romana que, mesmo divorciada de sua teologia, poderia fornecer um modelo estrutural e simbólico para a sociedade positiva, que estava engendrando. Dessa forma, criou

uma teoria dos sacramentos (apresentação, iniciação, admissão, destinação, maturidade, retiro, incorporação), um culto à mulher, inspirado em Clotilde, mas com características de culto à Virgem Maria, e uma rígida centralização em Paris. Formula um novo calendário, cujos meses recebem nomes de grandes figuras da história do pensamento, como Moisés, Descartes etc. Tal como o católico, o calendário positivista tem também os seus dias santos, nos quais se deveriam comemorar obras de Dante, Shakespeare, Adam Smith etc (Simon, 1999, p. 128).

Comte cumpriu, assim, seu objetivo de criar uma nova religião, cuja difusão acreditava, com seu otimismo, seria rápida, tanto que escreveu, em 1851, a um amigo: “estou persuadido de que antes do ano de 1860, predicarei o positivismo em Notre-Dame, como a única religião real e completa” (Apud Destefanis, 2003, p. 174). Morreu antes, sem o desprazer de ver seu sonho não realizado.

### **3.6 Considerações finais**

O Positivismo, como toda filosofia que profetiza o fim da história, em qualquer contexto social e político, acabou sendo superado pela realidade que, em constantes e imprevisíveis mudanças, não se deixa apreender em esquemas

fechados de interpretação. Aqui entendido de acordo com Annie Petit, incluído da Religião Positiva, o Positivismo não teve a repercussão esperada por seu criador, a não ser em

uma seita de iniciados (a Igreja Positivista), (...) [Por outro lado,] a *semente* do ideário positivista Comtiano, sua pesquisa metodológica estava destinada a tornar-se – de maneira direta ou indireta, coberta ou encoberta, substancial ou diluída, total ou parcial, reconhecida ou não – um dos pilares da ciência universitária (ou institucional) moderna, até hoje (Löwy, 2003, pp. 25-26).

Por ironia, foram os dissidentes que obtiveram maior êxito na divulgação do pensamento da primeira fase da obra de Comte, por não aceitarem a Religião da Humanidade, que acreditavam ir contra os ensinamentos do *Curso de Filosofia Positiva*, o qual, segundo eles, estava de acordo com o espírito científico da época. Os feitos posteriores, principalmente após 1848, desencorajaram os racionalistas, que viam na Filosofia Positiva uma apologia ao espírito científico. Desses discípulos, o mais famoso foi Littré, um influente divulgador da obra do mestre, excluída, é óbvio, de sua segunda fase.

